

# Sexualidade e educação: o conflito entre o cultural e o biológico na atuação do educador<sup>1</sup>

Magna Regina Tessaro Barp\*

## Resumo

A percepção, mediante leituras e observações, de que os educadores, em sua grande maioria, apresentam grandes dificuldades em tratar das questões sexuais com filhos e alunos, fez refletir sobre as raízes de tais dificuldades, já que o surgimento do sexo e da sexualidade no ser humano foi um processo natural, lento e biológico no início e, mais tarde, acrescido do fenômeno cultural. A espécie humana, por conta de seu vasto desconhecimento sobre as questões da sua sexualidade, tem vivido de acordo com muitas crenças, tabus e preconceitos que foram alterando a biologia corporal e comportamental. Os comportamentos influenciados pela cultura, por sua vez, foram alterando inclusive a biologia do ser humano. A legislação indica a educação sexual como tema a ser discutido em aula, mas sem políticas públicas. Os educadores apresentam muitas dificuldades. O que o presente trabalho aponta não são normas de condutas para educadores, muito menos receitas para educar. A discussão aqui apresentada objetiva compreender o porquê e as raízes de tantas dificuldades e, com essa compreensão, pensar em uma educação sexual que contemple esses fatores, preparando, antes de tudo, o educador. Diante do exposto, a pesquisa mostrou que a dificuldade que muitos educadores apresentam ao abordar as questões da sexualidade tem raízes profundas e antigas. São processos não apenas culturais, mas também biológicos, que alteram paulatinamente a maneira de ser e de agir do ser humano e fazem, silenciosamente, sua evolução.

Palavras-chave: Sexualidade. Evolução. Biologia. Cultura.

---

\* Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Rua Napoleão Ferreira, 318, Centro, 95370-000, Barracão, RS; magna.barp@unoesc.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

A vivência da sexualidade, tal como se apresenta hoje, passou por diferentes fases ao longo da evolução cultural e biológica do ser humano: ora natural e despercebidamente vivida; ora sutil, secreta, reprimida e pecaminosa; ora aberta, pública e amplamente divulgada. A abordagem do tema, no entanto, nem sempre acompanhou essa cronologia. A sexualidade nem sempre esteve relacionada às questões econômicas, educacionais, biológicas, culturais e sociais como se observa na modernidade, talvez porque existam dúvidas no sentido de se poder afirmar o que provocou o desenvolvimento humano: a sexualidade ou o progresso cultural, ou, ainda, se foi a complementaridade desses dois fatores. Nas palavras de Morris (1975, p. 45), “[...] o comportamento sexual moderno foi menos influenciado pelo progresso da civilização do que esta foi influenciada pelo comportamento sexual.”

Atualmente – fim do século XX e início do século XXI –, a vivência da sexualidade humana passa por uma fase revolucionária, não na sua forma de percepção física ou carnal, mas na forma como é vivida, pública e abertamente, e na curiosidade que desperta cada vez mais precocemente nas pessoas.

Isso tudo se mostra bastante assustador para muitos educadores, entendidos aqui como pais e professores, que sentem na sua biologia e na sua corporeidade as manifestações da sexualidade, mas têm dificuldade em admiti-las no filho ou aluno porque estão condicionados, social e culturalmente, que as manifestações do sexo são ocorrências vergonhosas, pecaminosas e desrespeitosas ao corpo. A simples menção da palavra sexo é, por vezes, motivo de desconforto para alguns educadores que, embora sabedores de que a sexualidade é inerente ao ser humano, desde a sua concepção, apresentam sérias dificuldades em relação a essa abordagem.

Essa noção de negação da sexualidade se fez ao longo do tempo por meio da cultura. Contudo, as respostas dos educadores continuam as mesmas em muitos casos. “As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola [...]” (BRASIL, 2001, p. 112) e por grande parte dos pais no dia a dia da criança.

Assim, refletindo sobre as pesquisas feitas sobre a vivência da sexualidade, detecta-se que elas apontam para problemas em relação à abordagem do tema por parte dos educadores. E, embora seja lei educar ou orientar, como dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para a vivência da sexualidade (PCNs e Resolução n. 2 da Câmara da Educação Básica), esse trabalho não é feito nas escolas públicas de muitos municípios brasileiros. O motivo é o desconforto dos professores em abordar o assunto. “[...] a questão da sexualidade é muito delicada e continua a ser um grande desafio para as escolas.” (PINTO, 2004, p. 36).

Esse problema é da escola, pois “O silêncio da escola e a superficialidade com que tem tratado assuntos relevantes para a vivência sexual de seus alunos são, no mínimo, motivos de preocupação e de questionamentos [...]” (SILVA, 1995, p. 3), mas é um problema também dos pais. “[...] os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa.” (BRASIL, 2001, p. 111).

Partindo desses pressupostos, de que os educadores, tanto professores quanto pais, têm dificuldades em educar para a vivência da sexualidade e tendo como objetivo geral caracterizar as raízes culturais e biológicas que sustentam as dificuldades de muitos educadores, diante da temática educação sexual, a problemática do presente estudo foi expressa pela questão: que raízes, culturais e/ou biológicas sustentam as concepções de sexualidade e as dificuldades de abordagem do tema que os educadores apresentam?

A pesquisa em referenciais trouxe suportes para compreender o processo evolutivo da espécie humana, e as entrevistas com educadores (seis pais de alunos – sendo três homens e três mulheres e seis professores – sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino) buscaram a compreensão da concepção que se tem, atualmente, sobre a orientação que é atribuída aos educandos.

A pesquisa teve caráter qualitativo, em uma abordagem descritiva de análise de discurso com buscas aos aspectos culturais e biológicos da sexualidade, tendo em vista que somos todos, como seres humanos, sistemas vivos formados a partir da união desses dois aspectos. É a complementaridade desses fatores – cultura e biologia – que significa o ser e o fazer humano.

## 2 SEXO E SEXUALIDADE: UM PROCESSO EVOLUTIVO

O longo processo evolutivo que moldou comportamentos sexuais, estendidos até a atualidade, precisa ainda ser compreendido de forma mais abrangente e profunda. Aí reside a raiz de muitos comportamentos e reações dos educandos e dos educadores sobre a questão da sexualidade.

Parece notório que a questão precisa ser visualizada, desejando-se compreender melhor as formas evolutivas da sexualidade humana tanto nos aspectos culturais quanto biológicos, ao longo do processo de evolução dos seres humanos. A concepção mais presente é de que “o problema” sexual ou a forma de vivência da sexualidade se deve a uma mercantilização da sexualidade e uma banalização do sexo. Essa mercantilização existe e contribuiu imensamente para essa vivência, dita moderna da sexualidade humana. Porém não é, nem de longe, o único fator. A mídia, embora tenha colaborado com a disseminação de novas formas de viver a sexualidade, também não é o “grande mal”, nem o fator preponderante. O que será então?

Antes de empreender nessa compreensão, faz-se necessário conceituar sexo e sexualidade.

É possível entender sexo como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal. Já a sexualidade é um conceito cultural, constituído pela qualidade, pela significação do sexo. Nesta definição, somente a espécie humana ostentaria uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo. (NUNES; SILVA, 2000, p. 74).

Para Bernardi (1985, p. 114), “[...] usarei a palavra sexualidade para indicar uma propensão humana que envolve a pessoa inteira, enquanto que com a palavra genitalidade farei referencia àquela expressão concreta e física da sexualidade que se funda no emprego dos órgãos genitais.”

Miriam Abramovay, no relatório *Juventude e Sexualidade*, apresenta o resultado de uma pesquisa feita para a Unesco em 2004, tendo como temática central as relações entre sexualidade e juventude nas escolas. Segundo Abramovay (2004), as definições de sexo e sexualidade “são conceitos em disputa”. Para definir sexo, ela busca auxílio em Hiborn (2003b, p. 2 apud ABRAMOVAY, 2004),

que diz: “A palavra sexo [...] pode designar o formato físico dos corpos – macho ou fêmeas da espécie –, mas também a atividade sexual.” Para o termo sexualidade, Abramovay (2004, p. 29) formulou a seguinte significação:

[...] é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos [...] Assim é a própria vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.

Estar-se-ia, dessa forma, qualificado em um nível “acima” dos demais seres vivos, por ostentar essa herança cultural que faz com que a prática sexual humana e as sensações que se tem no corpo sejam exclusivamente humanas. Educar esse ser, carregado de sensações, emoções, sentimentos e alterações biológicas e constituído com a adição de uma cultura, além de ser o grande desafio, carece de uma compreensão profunda do processo evolutivo de longa data.

Costuma-se afirmar que as primeiras células vivas do universo eram as bactérias unicelulares que se reproduziam por meiose. A sexualidade evoluiu, desde que algumas dessas primeiras células, por um “erro” da natureza, ficaram com dois núcleos; essas células “defeituosas”, para se reproduzir, necessitavam de uma troca de substâncias entre seus núcleos, começando o desenvolvimento de órgãos sexuais. O sexo começa com “[...] a irrupção de uma célula com membrana e dois núcleos. Dentro deles se encontram os cromossomos – material genético – nos quais o DNA se combina com proteínas especiais. Tecnicamente é chamado de eucarionte [...] isto é, célula com núcleo duplo.” (MURARO; BOFF, 2002, p. 30).

Ao surgir a célula binucleada, surge o sexo e a morte. O sexo, que necessita da troca de material genético para gerar um novo ser, faz com que os seus progenitores envelheçam e morram, o que não acontecia na duplicação celular das bactérias unicelulares.

O processo de evolução da sexualidade humana nasce, dessa forma, com o surgimento da vida, há bilhões de anos. Desde então, todo um processo biológico e cultural, concomitantemente, foi moldando a forma de viver que se tem atualmente.

Essa passagem foi lenta e complexa. Os seres vivos evoluíram, diversificaram-se e complexificaram-se. Assim, surge o ser humano quando:

Cerca do final da era terciária, a seca fez recuar a floresta e, então, a savana estendeu-se por vastas áreas. Os primeiros homínidas, cujos fósseis são encontrados nas regiões que foram secas, são primatas africanos, a quem as árvores abandonaram, que abandonaram as árvores e que se instalaram as savanas. (MORIN, 1975, p. 63).

Não apenas sua condição de vida muda, mas toda sua biologia. Esses homínidas, ao andarem eretos, para visualizar melhor a caça, fazem com que os órgãos sexuais iniciem um deslocamento de trás para frente que, mais tarde, vai ser útil para a cópula frontal. O encontro para partilhar a caça traz o encontro frontal que também auxilia nesse deslocamento.

Diante desse quadro, pode-se inferir que o ser humano surgiu há cerca de cem mil anos, mas, antes disso, ao passar de coletor de frutas para caçador, começou a produzir cultura, pelo menos essa cultura<sup>2</sup> da forma como se concebe hoje. Começou a compreender seus procedimentos, a regrar suas ações e a perceber sua sexualidade. De animal coletor de folhas e frutos para caçador e de caçador para ser informatizado, um longo caminho foi trilhado.

A primeira transformação, de comedor de fruta sexual em caçador sexual, demorou muito tempo e teve um êxito relativo. A segunda mudança não foi tão bem sucedida. Além de muito mais rápida, obedeceu mais à inteligência e às proibições impostas do que a alterações biológicas resultantes da seleção natural. (MORRIS, 2001, p. 39).

Pode-se atribuir a dois fatores esse princípio de sexualidade, não apenas voltada à reprodução, mas agora também ao prazer: a passagem do animal coletor de frutas para caçador; o surgimento do fogo. Nesse momento histórico, denominado período Paleolítico (cerca de 30 a 40 mil anos a.C), conforme o mesmo autor anteriormente citado, os homínidas viviam em bandos nômades, coletando e caçando sua sobrevivência. Mais tarde, cerca de 700 a 800 mil anos antes da era humana, surge o fogo.

O fogo [...] cria o lar, lugar de proteção e de refúgio; o fogo permite o sono profundo do homem, ao contrário dos outros animais, cujo sono é sempre marcado pelo alerta. É bem possível, também, que o fogo favoreça o desenvolvimento e a liberdade do sonho [...] (MORRIS, 2001, p. 68).

Com o surgimento do fogo, uma nova forma de vivência da sexualidade também é proporcionada. A sensualidade e a sexualidade começam a se intensificar nesse novo local de encontro (ao redor da fogueira). A partilha da caça, o assado, o lugar de proteção que o fogo propicia, é o sinal de novos tempos em relação à vivência sexual dos primatas.

Paulatinamente, as comunidades surgem ao redor do fogo. O trabalho começa a fazer parte da rotina. Os homens, para a caça, complexificam cada vez mais seus instrumentos; as mulheres, pela observação e pelos experimentos, descobrem técnicas de plantio e de cozimento. “O homem estranha-se da natureza pelo seu trabalho, que se transforma em elemento de evolução cultural e de alteração da natureza de si mesmo.” (NUNES, 1997, p. 58).

Desse momento em diante, todo um jogo de interesses biológicos orientou um complexo processo evolutivo. Ao querer ter certeza de que o alimento que trazia da caça era dado à sua prole e não à de outro, o macho começou a desenvolver atributos sexuais mais prazerosos para que sua fêmea não sentisse a necessidade de fazer sexo com outros machos. Regras e normas de condutas foram surgindo, por conta de uma necessidade biológica de garantir a reprodução, a sobrevivência e a alimentação da prole do que de consciência social. A partir desse fenômeno natural, desencadeia-se toda uma mudança na vida sexual desses seres que evoluíram e continuam evoluindo em todos os aspectos, que aqui, convencionalmente, agruparam-se em dois: cultura e biologia.

Assim, cultura e biologia juntas evoluíram e continuarão evoluindo, trazendo novas biologias e novas culturas que, ao caminhar pelo universo evolutivo, vão empreendendo em novas formas de viver, de sentir e de ser de cada ser humano. Quando Ridley (2004, p. 17) afirma que “A natureza humana é um produto da cultura, mas a cultura também é um produto da natureza humana, e ambas são o produto da evolução [...]”, ressalta que o processo dessa formação tem características naturais e biológicas.

### **3 DA PROCRIAÇÃO PARA A PRAZEROSIDADE**

São significativas as alterações mais visíveis que ocorreram ao longo do processo evolutivo, na sexualidade humana. Se, atualmente, vive-se a sexualida-

de e se expressa de forma mais pública, é em razão também de todo um processo cultural de globalização e de midiaticização que tudo publica e tudo dissemina. A evolução biológica que faz com que as pessoas necessitem da “prática do sexo” mais precocemente e com mais frequência faz parte desse processo evolutivo; no entanto, os desejos, as pulsões, as necessidades sexuais mudam a frequência, mas raramente a intensidade do sentir.

Biologicamente, as mudanças mais expressivas, em relação ao mamífero das florestas, na era terciária, foram, segundo Morin (1975), o andar ereto sob dois pés, o deslocamento dos órgãos genitais para frente do corpo, o desenvolvimento de atributos sexuais, como o engrossamento e alongamento do pênis, que nos coletores tinha o tamanho não maior do que uma lombriga no macho, a ocultação da ovulação e desenvolvimento de atributos sexuais mais prazerosos, como o desenvolvimento dos seios e arredondamento das nádegas, nas fêmeas.

Foi, sem dúvida, depois da verticalização do homínida que a copulação frontal se tornou anatomicamente possível [...] A partir do amor face a face, desenvolveram-se, no decorrer da evolução genética até o *sapiens*, incluindo-o, os atrativos erógenos, que são os lábios proeminentes, os seios inchados, o pênis espesso e longo, isto sem que a parte posterior fosse sacrificada, já que as nádegas, cheias e carnudas, atraem intensamente o olhar e a mão. A erotização do rosto, aliando-se à sua individualização aumentada, faria do companheiro um ser tanto atraente quanto fascinante. (MORIN, 1975, p. 158-159).

Culturalmente, citam-se os rituais sexuais que eram realizados pelos povos pré-bíblicos, como culto de adoração aos deuses; compreende-se que os desejos e as necessidades sexuais tinham outro enfoque e talvez outra destinação: o de ser uma oração e o de ser uma forma de procriação, o que não difere muito da visão moderna. A ideia de que sexo é para a procriação, lentamente, vai-se desvanecendo, mas esse culto de adoração, não mais aos deuses, mas sim ao próprio corpo, é muito mais presente.

A concomitante evolução biológica e cultural altera paulatinamente a percepção e a forma de viver a sexualidade entre os humanos. Segundo Içami Tiba, em uma entrevista em rede de televisão, “[...] antigamente se contava uma geração a cada dezessete anos; hoje, conta-se uma geração a cada cinco anos.” Quer dizer, há mudanças de comportamentos e de sistemas físicos que evoluem de

forma complexa e constante. Um comportamento nunca cessa para iniciar outro, uma geração nunca morre para nascer outra, uma forma de viver nunca termina de forma pontual para começar outra, o que ocorre é a evolução paulatina e quase que imperceptível a olho nu. Quando se percebem as mudanças, estas já ocorreram.

O que influi na alteração atual das vivências é a mídia, não como fator único e principal, mas como um grande coadjuvante que torna inviável o segredo em torno da sexualidade que era comum em séculos anteriores. A mídia inviabiliza que os segredos dos adultos sobre sexo e sexualidade sejam guardados.

Assim, se acompanhar toda evolução biológica e cultural desde a primeira célula binucleada que viabilizou o surgimento do sexo até o ser humano do século XXI, tem-se uma evolução constante e complexa, uma interdependência profunda entre o biológico e o cultural.

#### **4 SEXUALIDADE: MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS**

Os fatores que determinam as mudanças comportamentais dos seres humanos, em relação à sexualidade, são produtos de uma evolução cultural/biológica que, ao evoluir e se conflitar entre si, alteram-se e alteram a outra. Cultura e biologia, evoluindo em conjunto e se conflitando, alteram-se mutuamente. Hoje, a forma de viver, os prazeres (desejo, excitação, orgasmo) e os desvios de conduta em relação ao aceitável pela sociedade (estupro, pedofilia) são produtos de uma evolução que afeta cultura e reações físicas. No caso da modernidade, destaca-se a religião, a mídia, o *marketing*, a globalização e a ciência produtora de conhecimentos, como os fatores culturais que produzem maiores mudanças tanto na cultura quanto na biologia dos seres humanos. Quer dizer, há uma reação biológica relacionada ao sexo que foi produzida pela cultura. Ao encurtar os vestidos, as mulheres oferecem aos homens um incentivo ao seu desejo. Sabendo-se olhadas, as mulheres predis põem-se ao desejo.

De todos esses fatores, um aparte especial para a religião se faz necessário, já que, por muitos séculos, foi a veia cultural pela qual mais correu o sangue da formação do comportamento humano. A religião, um mecanismo de aculturação dos povos do mundo inteiro, tem servido aos propósitos de poucos, mas tem

arrebanhado gerações e gerações para agir de acordo com seus ditames. E, se os ditames da religião vêm de encontro ou se conflitam com a biologia, isso foi facilmente resolvido pelos seus mentores. A repressão foi o “remédio” para o grande mal da sexualidade que acometia a população. Reprimir a sexualidade estava de mãos dadas com:

Adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade. Quádrupla razão para estabelecer separações estanques entre os indivíduos, mas também aberturas para observação contínua. O próprio edifício da escola devia ser um aparelho de vigiar. (FOUCAULT, 2002, p. 145).

Reprimir, castigar e atribuir a um ser invisível que se encarregaria da vingança dos que não obedecessem às normas e regras eram, foram e ainda serão, por muito tempo, as fórmulas mágicas da religião para reproduzir frustrações em grandes parcelas de seres humanos, com o objetivo de criar sentimentos de inferioridade e culpa ao viverem sua sexualidade.

As regras e normas sociais também têm como pano de fundo a religião que, ao determinar comportamentos, moldou o viver em sociedade tanto quanto a biologia, mas não em consonância, e sim em conflito.

## **5 EDUCAÇÃO SEXUAL: A POLÊMICA CONTINUA**

Em relação à identificação das raízes das dificuldades demonstradas pelos educadores na educação sexual, detectou-se uma série de razões e/ou implicações que os educadores apresentam ao educarem ou não para a sexualidade.

A primeira, e talvez maior raiz das dificuldades que os educadores apresentam, quando o assunto é educação sexual, é o desconhecimento que demonstram de todo o processo evolutivo que envolve o desenvolvimento da sexualidade e, particularmente, da sexualidade entre humanos. Não conhecer esse processo evolutivo, que converge para distintos modos de vivências e atitudes relacionais, é fator preponderante para a dificuldade em abordar o assunto. Essa falta de conhecimento ou o conhecimento de partes do todo impede que se tenham opiniões

formadas e tranquilidade em abordar a temática. Pais e professores entrevistados foram categóricos ao afirmar que não conhecem nada sobre esse processo evolutivo e que seus progenitores tinham ainda menos esse conhecimento.

A segunda raiz é a formação cultural que molda ideias e comportamentos capazes de permitir/reprimir até mesmo o discurso: “As mães não falavam porque achavam feio, tinham vergonha e medo que fossem incentivar a vida sexual dos filhos.” (Mãe 2). “Os pais por vergonha e já tinham se criado dessa forma e as escolas também não podiam, não queriam ou não estavam preparadas para falar com os alunos.” (Professora 2). A visão janelar<sup>3</sup> permite que se olhe por uma janela, esquecendo-se de que existem tantas janelas, independentemente do número de pessoas e que cada uma tem um ponto de vista diferente, de acordo com suas vivências, religião, formação e aculturação. Para Strieder (2002, p. 19), “[...] nossa cultura retrata janelizações pelas quais olhamos o ser humano e o mundo.” Assim, se há apenas a visão da religião, por exemplo, não se tem a visão da biologia ou a visão da antropologia. O conhecimento parcial desse complexo processo não permite que se faça uma educação sexual de forma ampla.

As entrevistas realizadas comprovam a visão janelar existente entre os educadores. Ao “entregar” a responsabilidade para a escola, um pai diz: “Lá existe mais conhecimento, mais experiência, e os professores têm mais estudo do que a gente para falar sobre isso. Eu espero que a escola fale das coisas que eu não sei falar.” (Pai 1). Devolvendo a responsabilidade para a família, a professora afirma que os pais “Deveriam deixar um pouco claro. Embora a família esteja um pouco perdida, os alunos aprendem mais na rua do que com a família. A família deveria tomar isso.” (Professora 3). Ao ser questionada sobre o que espera da família, a professora diz: “[...] não espero muita coisa não. Esses alunos que tenho foram criados na mesma cultura que eu.” (Professora 3).

A repressão, que é histórica, atacou com grande ênfase, nas mais diversas dimensões, a vivência sexual das pessoas. E essa é outra fonte que molda a forma de fazer ou não fazer educação sexual. A ideia errônea de que o sexo acarretava perda de energia aliada à necessidade de geração de riquezas, na Era Vitoriana, é exemplo claro de que a repressão sexual moldou muitos comportamentos. Outros aspectos do viver humano nunca foram tão controlados pela cultura, principalmente a cultura religiosa como foi a sexualidade humana.

## 6 CONCLUSÃO

Sexualidade humana, assunto complexo, cercado de mitos e tabus, aculturado e biopsicossocialmente construído, parece carecer de explicações. Teorizaram-se alguns aspectos, criaram-se dúvidas em outros. Contudo, ressaltam-se algumas considerações. A primeira delas é concordar com Nunes (1997), o qual afirma que não haverá uma educação sexual adequada das crianças e dos adolescentes sem um coerente processo de reeducação sexual do adulto. Com isso, ele fala da necessidade de uma compreensão e de uma reeducação sexual. Tal qual a reeducação alimentar é necessária em um mundo que se tornou *fast food*, a reeducação sexual é necessária em um mundo que, desconhecendo sua sexualidade, comercializou-a e a tornou objeto de compra e venda.

A educação sexual, tal como a concebe grande parte dos educadores, parece algo intangível. Centenas de anos de repressões, milhares de anos de uma cultura que relegou a sexualidade ao plano do sujo e do pecaminoso e agora se cria uma lei para educar para a sexualidade, como se a lei *per se* bastasse para a mudança de comportamentos secularmente reafirmados. Os Parâmetros Curriculares Nacionais elegem a sexualidade como um dos temas transversais para ser trabalhados em sala de aula. A Resolução n. 02/1997 da Secretaria de Educação Básica (SEB) do MEC torna legal a inclusão do tema. Isso basta para que se mude a prática nas escolas? Isso basta para que os educadores esqueçam todos esses séculos de repressões que os moldaram cultural e biologicamente? A criação de uma lei faz com que as raízes que imprimem as dificuldades no educar para a sexualidade sejam arrancadas e queimadas, como em um passe de magia?

É preciso uma renovação de conceitos e de formas de compreensão dos humanos para com os humanos. Para isso, precisa-se refletir: “que curso queremos que nosso sermos seres humanos siga?” Com essa reflexão, com o conhecimento da evolução biológica e com o estabelecimento de diretrizes pautadas na ética da vida, talvez se esteja um pouco mais preparado para compreender e educar o ser cultural e biológico da atualidade em relação à sua sexualidade.

Caso não se conheça o processo evolutivo, na dimensão biológica e cultural; se não empreender ações conscientes e livres das repressões seculares e se não houver o livramento acerca da aculturação janelar que se teve, então se continuará a fazer pouco na escola, praticamente não haverá discussão em família e não se

educará para a sexualidade responsável, consciente, humana e emancipadora que as crianças e jovens necessitam. Eles estão ansiosos por respostas, enquanto os que ensinam estão perdidos na mesmice, ou na vergonha, ou pela escuridão dos pudores ou dos falsos moralismos ou ainda, pela ótica simplificadora que varre para debaixo do tapete as reações e sentimentos de cada um para que se vislumbre, meramente, as de um ser considerado ideal – mas inexistente de fato.

Para Low (2000, p. 231), entender esse processo todo é a chave para se ter opinião formada e condições de discutir o assunto: “[...] um passo na dissecação do nosso entendimento envolve a melhoria das nossas definições.” Formar seres humanos reflexivos, que é um dos grandes objetivos de todo o processo educacional, não será possível caso não se proporcione aos educandos o aprofundamento teórico do que se pretende que ele entenda e compreenda. Portanto, nem educadores nem educandos poderão ser reflexivos, quando o assunto é sexualidade, se nem um nem outro conhecerem, com mais profundidade, o processo atual, fruto evolutivo que formou a ambos. E, se educar é “[...] oportunizar ao ser humano aprendente a possibilidade de lidar com a grande quantidade de informações disponibilizadas [...]” (STRIEDER, 2002, p. 11), educar para a sexualidade implica que seja disponibilizado e aprofundado todo um manancial de informações sobre o processo evolutivo do ser humano.

Pensa-se como Morris (2001, p. 70): “[...] se todas essas atividades reprodutivamente inúteis podem manter-se sem reduzir o potencial reprodutor dos indivíduos implicados, é porque são inofensivas.”

Cabe, a cada educador, o aprofundamento, a compreensão e a disseminação desses conhecimentos para que a vivência da sexualidade seja menos traumática tanto para educadores quanto para educandos.

### ***Sexuality and Education: the conflict between the cultural and the biological in the educator's performance***

#### *Abstract*

*The realization among readings and observations, of that major of educators, show large difficulties in dealing about sexual issues with children and students,*

*it made myself to think about the roots of these difficulties, since the sex appearance and the sexuality in the human being was a natural, slow and biological process in the beginning and, later, it was added the cultural phenomenon. The human being, because of his vast unfamiliarity about the questions of his sexuality, has lived according to many beliefs, taboo and prejudices that were altering the body and behavior biology. The behaviors influenced by the culture, in turn, were altering also the human being's biology. What the current study puts forward, are not behavior rules for educators less often prescription for educating. The legislation shows the sexual education as subject to be discussed in class. The educators present many difficulties. The discussion that is showed here, has as objective to understand why and the roots of so many difficulties and with this understanding to think in a sexual education that considers these factors, preparing, first of all, the educator. In face of what was presented, the research showed that the difficulty that many educators have in dealing with sexuality issues have deep and old roots. They are not only cultural trials, but also biological ones, that change gradually the human being's way of being and acting and they are doing, silently, his evolution.*

*Keywords: Sexuality. Evolution. Biology. Culture.*

## Notas explicativas

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado da dissertação de mestrado de mesmo título, apresentado ao programa de Pós-graduação, em nível de mestrado em Educação da Unoesc *Campus* de Joaçaba, orientado pelo professor Dr. Roque Strieder.

<sup>2</sup> “Cultura é uma rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de convivência humana como uma rede de coordenações de emoções e ações.” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 33).

<sup>3</sup> Referente à janela, que permite uma visão parcial da paisagem.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude e Sexualidade**. Brasília, DF: Unesco Brasil, 2004.

BERNARDI, Marcelo. **A deseducação sexual**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC, 2001. v. 10.

DIAMOND, Jared. **Por que o sexo é divertido?** A evolução da sexualidade humana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução Raquel Ramalhete. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOW, Bobbi S. **Sexo e comportamento humano**: uma perspectiva evolutiva. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MORRIS, Desmond. **O Macaco nu**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record. 2001.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Papirus, 1997.

NUNES, C.; SILVA, E. **A Educação Sexual da Criança**. Campinas: Autores Associados, 2000.

RIDLEY, Matt. **A rainha de Copas**: o sexo e a evolução da natureza humana. Portugal: Gradativa, 2004.

SILVA, Cenira. **Sexualidade humana**: considerações pedagógicas. Passo Fundo: Ed. UPF, 1995.

STRIEDER, Roque. **Educação e Humanização**. Florianópolis: Habitus, 2002.

ZOLLER, Gerda Verden; MATURANA, Humberto. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

Recebido em 30 de abril de 2009

Aceito em 2 de junho de 2009